1**.** (Fuvest) “Migna terra tê parmeras

Che ganta inzima o sabiá.

As aves che stó aqui,

Tambê tuttos sabi gorgeá.

(...)

Os rio lá sô maise grandi

Dus rio di tuttas naçó;

I os matto si perdi di vista,

Nu meio da imensidó.”

BANANÉRE, Juó. “Migna terra”. *La Divina Increnca*. São Paulo: Irmãos Marrano Editora, 1924.

Assinale a alternativa que melhor expressa as relações entre o poema e a inserção social de imigrantes italianos no Brasil.

a) O poema traça uma analogia entre a paisagem natural da Itália e do Brasil, sob os olhos de um imigrante.

b) A referência à oralidade era um reconhecimento à contribuição desta comunidade para a nova literatura brasileira.

c) O poema tematiza a revolta dos imigrantes camponeses italianos ao chegarem nas fazendas de café.

d) O caráter lírico presente no poema indica a emotividade e o desejo de aceitação por parte dos imigrantes.

e) A linguagem adotada no poema expressava uma maneira caricata de representar o idioma daquela comunidade.

2**.** (Enem) **O bebê de tarlatana rosa**

– [...] Na terça desliguei-me do grupo e caí no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele e todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. É o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e todos nós a achamos inútil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ânsia de acanalhar-me, quase mórbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contato familiar, mas o deboche anônimo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval.

RIO, J. *Dentro da noite*. São Paulo: Antíqua, 2002.

No texto, o personagem vincula ao carnaval atitudes e reações coletivas diante das quais expressa

a) consagração da alegria do povo.

b) atração e asco perante atitudes libertinas.

c) espanto com a quantidade de foliões nas ruas.

d) intenção de confraternizar com desconhecidos.

e) reconhecimento da festa como manifestação cultural.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

 Esse delírio que por aí vai pelo futebol 1\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ 2seus 3fundamentos na própria 4natureza humana. O espetáculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória, pessoal ou do partido, 5foi, 6é e 7será 8a ambrosia dos deuses manipulada na Terra. Admiramos 9hoje os grandes filósofos gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles; 10seus 11coevos, 12porém, 13admiravam muito mais os atletas que 14venciam no estádio. Milon de Crotona, 15campeão na arte de torcer pescoços de touros, só para nós tem 16menos importância que 17seu 18mestre Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inconcebível 19a ideia de que o filósofo pudesse no futuro ofuscar a 20glória do lutador.

 Na França, o homem 21hoje mais popular é George Carpentier, mestre em socos de primeira classe; e, se derem nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepuja em prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da guerra.

 Nos Estados Unidos, há 22sempre 23um campeão de 24boxe tão entranhado na idolatria do povo que está em 25suas 26mãos subverter o 27regime político.

 E os delírios 28coletivos provocados pelo combate de dois campeões 29em campo? 30Impossível assistir-se a espetáculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol.

 31Não é mais esporte, é guerra. Não se batem 32duas equipes, mas dois povos, duas nações. Durante o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, estáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. 33Conforme corre o jogo, 34\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ pausas de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio 35classifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos 36exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais 37horrorosos desatinos.

 A luta de vinte e duas feras no campo transforma em feras 38os cinquenta mil espectadores, possibilitando um enfraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco, 39\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ eletricidades psíquicas acumuladas em cada indivíduo.

 O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. *A onda verde*. São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

3**.** (Ufrgs) A sequência ***Não é mais esporte, é guerra*** (ref. 31), no contexto em que está inserida no texto, apresenta

a) questionamento se o futebol seria uma guerra.

b) pressuposição de que o esporte um dia foi guerra.

c) suposição de que o futebol é guerra.

d) afirmação de que o futebol é guerra.

e) negação de que o esporte seja guerra.

4**.** (Enem PPL) **A caolha**

A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelos, grossos nos pulsos; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, desse cabelo cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados. O seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam-lhe extraído o olho esquerdo; a pálpebra descera mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal, uma fístula continuamente porejante. Era essa pinta amarela sobre o fundo denegrido da olheira, era essa destilação incessante de pus que a tomava repulsiva aos olhos de toda a gente.

ALMEIDA, J. L. In: COSTA, F. M. (org.). *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Que procedimento composicional o narrador utiliza para caracterizar a aparência da personagem?

a) A descrição marcada por adjetivações depreciativas.

b) A alternância dos tempos e modos verbais da narrativa.

c) A adoção de um ponto de vista centrado no medo das crianças.

d) A objetividade da correlação entre imperfeições físicas e morais.

e) A especificação da deformidade responsável pela feição assustadora.

5**.** (Uerj) O romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, põe em questão a ideia de patriotismo, apresentando diferentes visões de seus personagens sobre a noção de pátria. Isso se observa no confronto entre a noção idealizada de Policarpo Quaresma e aquela manifestada pelas elites militar e política do país.

A apropriação da noção de pátria por essas elites se caracteriza como:

a) visionária

b) subversiva

c) progressista

d) oportunista

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “A obra-prima”, de Lima Barreto, publicada na revista *Careta* em 25.09.1915.

 Marco Aurélio de Jesus, dono de um grande talento e senhor de um sólido saber, resolveu certa vez escrever uma obra sobre filologia.

 Seria, certo, a obra-prima ansiosamente esperada e que daria ao espírito inculto dos brasileiros as noções exatas da língua portuguesa. Trabalhou durante três anos, com esforço e sabiamente. Tinha preparado o seu livro que viria trazer à confusão, à dificuldade de hoje, o saber de amanhã. Era uma obra-prima pelas generalizações e pelos exemplos.

 A quem dedicá-la? Como dedicá-la? E o prefácio?

 E Marco Aurélio resolve meditar. Ao fim de igual tempo havia resolvido o difícil problema.

 A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de “duas palavras ao leitor” e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.

 Mas “duas palavras”, quando seriam centenas as que escreveria? Não. E Marco Aurélio contou as “duas palavras” uma a uma. Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página “duzentas e uma palavras ao leitor”.

 E a dedicatória? A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a “pálida homenagem” de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar…

 Mas “pálida homenagem”… Professor, autor de um livro de filologia, cair na vulgaridade da expressão comum: “pálida homenagem”? Não. E pensou. E de sua grave meditação, de seu profundo pensamento, saiu a frase límpida, a grande frase que definia a sua ideia da expressão e, num gesto, sulcou o alto da página de oferta com a frase sublime: “lívida homenagem do autor”…

 Está aí como um grande gramático faz uma obra-prima. Leiam-na e verão como a coisa é bela.

(*Sátiras e outras subversões*, 2016.)

6**.** (Unesp) As modificações feitas pelo gramático nas expressões empregadas no prefácio e na dedicatória de sua obra manifestam seu desconforto

a) com o sentido figurado da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o caráter trivial da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.

b) com o sentido figurado da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o sentido literal da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.

c) com o sentido literal da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o sentido figurado da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.

d) com o caráter trivial das expressões inicialmente pensadas para o prefácio e para a dedicatória.

e) com o sentido literal da expressão inicialmente pensada para o prefácio e com o caráter trivial da expressão inicialmente pensada para a dedicatória.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**A PRESSA DE ACABAR**

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os 1homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

Sim! Em tudo, 2essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias. 3Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

4Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis\* que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalharia de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. 5Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: *Precisamos acabar depressa*.

6O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

7O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo 8sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

RIO, João do. Adaptado de *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

\* inexoráveis − que não cedem, implacáveis

7**.** (Uerj) **essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século.** (ref. 2)

O trecho acima contém o eixo temático da crônica escrita por João do Rio em 1909.

Na construção da opinião presente nesse trecho, é possível identificar um procedimento de:

a) negação

b) dedução

c) gradação

d) generalização

8**.** (Enem) **TEXTO I**

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Vencido palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

CUNHA, E. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

**TEXTO II**

Na trincheira, no centro do reduto, permaneciam quatro fanáticos sobreviventes do extermínio. Era um velho, coxo por ferimento e usando uniforme da Guarda Católica, um rapaz de 16 a 18 anos, um preto alto e magro, e um caboclo. Ao serem intimados para deporem as armas, investiram com enorme fúria. Assim estava terminada e de maneira tão trágica a sanguinosa guerra, que o banditismo e o fanatismo traziam acesa por longos meses, naquele recanto do território nacional.

SOARES, H. M. *A Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Altina, 1902.

Os relatos do último ato da Guerra de Canudos fazem uso de representações que se perpetuariam na memória construída sobre o conflito. Nesse sentido, cada autor caracterizou a atitude dos sertanejos, respectivamente, como fruto da

a) manipulação e incompetência.

b) ignorância e solidariedade.

c) hesitação e obstinação.

d) esperança e valentia.

e) bravura e loucura.

**Gabarito:**

**Resposta da questão 1:** [E]

**[Resposta do ponto de vista da disciplina de História]**

Claramente o poema trata de forma caricata tanto a língua quantos os imigrantes italianos que viviam no Brasil no início do século XX. O próprio nome do autor é um pseudônimo caricato: Bananére.

**[Resposta do ponto de vista da disciplina de Português]**

As opções [A], [B], [C] e [D] são incorretas, pois

[A] trata-se de uma paródia ao poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, poeta da 1ª fase do Romantismo brasileiro.

[B] A mistura gráfica e sonora do idioma adotado pelo autor tem como objetivo ridicularizar a linguagem atribuída aos imigrantes ítalo-paulistanos, vistos, no final do séc. XIX e início de XX, como rudes e ignorantes: “abobora celestia”, substituindo abóbada celestial ou “maise grandi”, no lugar de maior.

[C] A relação da temática do poema com episódio histórico com imigrantes camponeses italianos nas fazendas de café é absurda.

[D] O autor, o engenheiro Alexandre Machado, sob pseudônimo de Juó Bananere, imita de forma pejorativa a linguagem de um imigrante italiano que veio trabalhar braçalmente nas fazendas de café do interior paulista e acabou por se instalar em um bairro de imigração italiana na cidade de São Paulo.

Assim, é correta apenas [E].

**Resposta da questão 2:** [B]

Depois de associar o carnaval a comportamentos imorais, devassos e criminosos, o personagem confessa que sente impulsos irreprimíveis de fazer o mesmo, regozijando-se ao perceber que muitos sentem o mesmo que ele: “eu estava trepidante, com uma ânsia de acanalhar-me quase mórbida”, “Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval”. Assim, é correta a opção [B].

**Resposta da questão 3:** [D]

A sequência ***Não é mais esporte, é guerra*** (ref. 31), no contexto em que está inserida, não apresenta nenhuma dúvida ou questionamento, mas sim uma afirmação de que o futebol é guerra, conforme transcrito em [D].

**Resposta da questão 4:** [A]

O conto de Júlia Lopes expõe as dificuldades vividas por uma mulher que enfrenta as responsabilidades de mãe e de trabalhadora, banida por todos por ser pobre e portadora de uma aparência física que causa repugnância em todos os que a veem. Assim, ao contrário do que acontecia nos romances românticos da primeira metade do século XIX, cujos autores se preocupavam com a descrição idealizada da cultura nacional e das qualidades físicas e morais do homem brasileiro, Júlia Lopes apresenta uma personagem que se mostra horrenda e miserável através de descrição marcada por adjetivações depreciativas: “macilenta”, “mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho”, “pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus” e “destilação incessante de pus que a tomava repulsiva aos olhos de toda a gente”. Assim, é correta a opção [A].

**Resposta da questão 5:** [D]

O nacionalismo exagerado e fantasioso do protagonista, que acredita ser possível uma grande reforma nacional, cultural, linguística, política e econômica para que o Brasil possa desenvolver-se como nação forte e soberana, colide com a que é manifestada pelas elites militar e política do país. Como exemplo, Lima Barreto chega a ridicularizar um Brasil onde existia um General que não participara de nenhuma batalha, General Albernaz, e um Almirante que não possuía nenhum navio para ocupar seu posto, Almirante Caldas. Principalmente na terceira parte da obra, o personagem Policarpo, depois de ter conhecimento do fuzilamento dos presos políticos, percebe o caráter oportunista das elites brasileiras que, sob a capa de um falso patriotismo, desenvolvem ações que visam apenas ao seu próprio interesse. Assim, é correta a opção [D].

**Resposta da questão 6:** [A]

É correta a opção [A], pois o gramático não ficou satisfeito nem com o sentido figurado da expressão “duas palavra”, já que iria escrever mais de duzentas, nem com o caráter corriqueiro de “pálida homenagem” para a dedicatória.

**Resposta da questão 7:** [D]

O trecho citado expande o conceito enunciado no parágrafo anterior, remetendo ao próprio título, síntese do assunto tratado ao longo da crônica: a velocidade como característica dos tempos atuais. Assim, é correta a opção [D], pois o autor adota um procedimento de generalização, ou seja, apresenta uma opinião genérica com base no conhecimento de certo número de dados singulares expostos ao longo da argumentação.

**Resposta da questão 8:** [E]

**[Resposta do ponto de vista da disciplina de História]**

No primeiro texto, na afirmação “*Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo*” podemos notar uma conotação de bravura em referência aos sertanejos. Já no segundo texto, na afirmação “*que o banditismo e o fanatismo traziam acesa por longos meses*” podemos notar uma conotação de loucura em referência aos sertanejos.

**[Resposta do ponto de vista da disciplina de Português]**

O texto I, excerto da terceira parte da obra “Os sertões”, de Euclides da Cunha, descreve a luta dos sertanejos que, destemidamente enfrentam a morte, não se rendem e são exterminados de forma sumária. O texto II, de Henrique Macedo Soares, militar na última expedição contra Canudos, descreve o grupo como um bando de fanáticos liderado pelo peregrino Antônio Conselheiro, acreditando que ele poderia libertá-los da situação de extrema pobreza ou garantir-lhes a salvação eterna na outra vida. Assim, cada autor caracterizou a atitude dos sertanejos, respectivamente, como fruto da bravura e loucura, como se afirma em [E].